



Educação em diálogo: desafios da modernidade, saberes docentes e construção coletiva no ensino fundamental

ALICE DOS SANTOS SANTANA
CECÍLIA FABIANA SOARES SOUZA
JOSÉ ALMEIDA DOS SANTOS NETO
CAÍQUE SOUZA MACENA
GEISA MARIA AMORIM DE SOUZA

Education in dialogue: challenges of
modernity, teachers' knowledge, and collective
construction in elementary education

Educação em diálogo: desafios da modernidade, saberes docentes e construção coletiva no ensino fundamental

Education in dialogue: challenges of modernity, teachers' knowledge, and collective construction in elementary education

PALAVRAS-CHAVE
RACISMO.
EDUCAÇÃO POPULAR.
ESCUTA ATIVA.
PEDAGOGIA CRÍTICA.

KEYWORDS
RACISM.
POPULAR EDUCATION.
ACTIVE LISTENING.
CRITICAL PEDAGOGY.

RESUMO Diante de desafios como o uso excessivo de telas, o capacitismo e a violência no ambiente escolar, este relato apresenta a experiência de um projeto desenvolvido por estudantes para criar um espaço de escuta e diálogo entre profissionais da educação em uma escola municipal do interior da Bahia. Fundamentado no Dispositivo de Racialidade, de Sueli Carneiro (2023), e na Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire (2021), o trabalho discute como o racismo estrutura a sociedade brasileira e impacta a infância e as relações escolares. A iniciativa foi organizada em três encontros dialógicos com professores do Ensino Fundamental, nos quais foram mapeados desafios do cotidiano docente, discutidos estudos de caso e construídas coletivamente estratégias de enfrentamento para temas como capacitismo, violência e uso de tecnologias. As atividades culminaram na elaboração de um material educativo produzido pelos participantes. Os resultados indicam que essas problemáticas ultrapassam o âmbito escolar e envolvem dimensões sociais mais amplas, destacando os impactos do racismo e das desigualdades sociais nas relações educativas.

ABSTRACT Faced with challenges such as excessive screen use, ableism, and violence in the school environment, this report presents the experience of a project developed by students to create a space for listening and dialogue among education professionals in a municipal school in the countryside of Bahia, Brazil. Grounded in Sueli Carneiro's Device of Raciality (2023) and Paulo Freire's Pedagogy of the Oppressed (2021), the study discusses how racism structures Brazilian society and affects childhood and school relationships. The initiative consisted of three dialogical meetings with elementary school teachers, in which challenges of daily teaching practice were mapped, case studies discussed, and collective strategies developed to address ableism, violence, and the use of digital technologies. The activities resulted in the collaborative production of an educational material. The results indicate that these challenges extend beyond the school environment and reflect broader social inequalities that affect educational relationships.

ALICE DOS SANTOS SANTANA

Discente do Bacharelado Interdisciplinar
em Saúde pela Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia - UFRB.

E-mail: alicesantana@aluno.ufrb.edu.br

CECÍLIA FABIANA SOARES SOUZA

Discente do Bacharelado Interdisciplinar
em Saúde pela Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia - UFRB.

E-mail: ceciliafabiana@aluno.ufrb.edu.br

JOSÉ ALMEIDA DOS SANTOS NETO

Discente do Bacharelado Interdisciplinar
em Saúde pela Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia - UFRB.

E-mail: josealmeida@aluno.ufrb.edu.br

CAÍQUE SOUZA MACENA

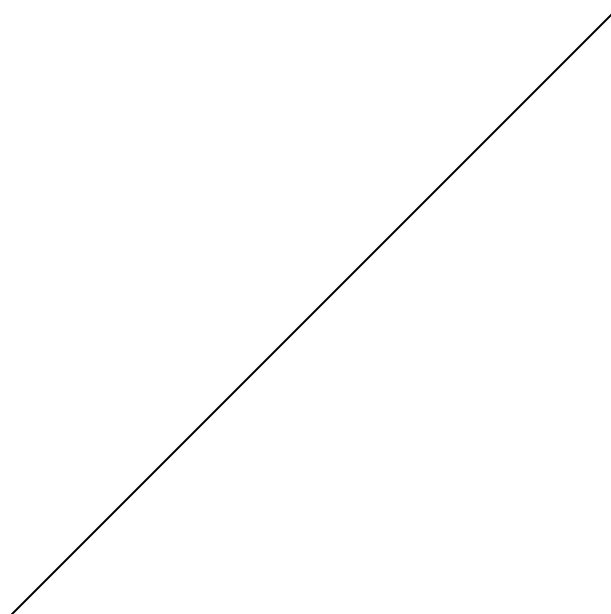
Discente do Bacharelado Interdisciplinar
em Saúde pela Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia - UFRB.

E-mail: caiquesouza@aluno.ufrb.edu.br

GEISA MARIA AMORIM DE SOUZA

Discente do Bacharelado Interdisciplinar
em Saúde pela Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia - UFRB.

E-mail: geisaamorim@aluno.ufrb.edu.br



INTRODUÇÃO Diante dos inúmeros desafios que atravessam o ambiente escolar contemporâneo, torna-se cada vez mais urgente e necessário promover espaços de diálogo e escuta qualificada entre os profissionais da educação. A escola, enquanto espaço privilegiado de formação humana, convive diariamente com questões complexas que vão além do currículo formal, exigindo dos educadores um olhar sensível, crítico e articulado com as transformações sociais em curso. Nesse contexto, se insere o presente trabalho, que relata a experiência vivida por um grupo de estudantes no desenvolvimento de um projeto que buscou a criação de um espaço de escuta ativa, diálogo horizontal e troca de experiências entre docentes do ensino fundamental numa escola municipal do interior da Bahia.

O projeto surgiu a partir dos relatos de profissionais que, apesar de comprometidos com o bem-estar dos alunos e com a qualidade do ensino, afirmaram se sentir frequentemente sobrecarregados, isolados ou sem ferramentas adequadas para enfrentar as situações que surgem em sala de aula e nos demais espaços escolares. Entre as questões que emergiram, destacaram-se desafios como o uso excessivo de telas por crianças e adolescentes, as práticas de capacitismo e as mais diversas manifestações de violência que podem ocorrer no cotidiano escolar, afetando as relações interpessoais e interferindo diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo de todo o processo, buscou-se valorizar os saberes docentes, reconhecer suas experiências como ponto de partida para a construção de conhecimento e promover uma pedagogia crítica, inspirada nos princípios de Paulo Freire e Sueli Carneiro, que defendem uma educação libertadora, antirracista e comprometida com a transformação social. Assim, este trabalho tem por objetivo apresentar não apenas os resultados de uma intervenção pontual, mas a reflexão sobre a importância de espaços formativos contínuos e colaborativos, capazes de fortalecer os vínculos entre os profissionais da educação e de promover mudanças significativas na cultura escolar. Afinal, lidar com os desafios do presente exige, mais do que nunca, escuta, empatia, criticidade e disposição para transformar a realidade a partir do coletivo.

METODOLOGIA Este projeto foi realizado por meio de uma intervenção participativa de caráter extensionista, entre os meses de abril e junho de 2025, com cerca de 30 professores do Ensino Fundamental de uma escola municipal do interior da Bahia. Estruturada em três encontros dialógicos, a iniciativa teve por objetivo promover escuta ativa, reflexão crítica e construção coletiva de estratégias frente aos desafios do cotidiano escolar.

A metodologia adotada teve como base princípios da educação popular de Paulo Freire (2021), priorizando a valorização dos saberes docentes, bem como a horizontalidade nas relações e o estímulo à participação ativa.

O primeiro encontro teve como foco o acolhimento e a escuta inicial dos participantes. A atividade começou com uma breve apresentação individual, seguida de uma roda de conversa sobre os principais desafios enfrentados no contexto escolar, como desinteresse dos alunos, episódios de violência e dificuldades de mediação. Em seguida, utilizou-se a dinâmica dos post-its com três cartazes orientadores, nos quais os professores responderam às perguntas: “O que desejo transformar na minha prática?”, “O que me fortalece como educador(a)?” e “O que mais me preocupa na escola atualmente?”. Na sequência, os participantes expressaram seu sentimento do momento em palavras escritas, que foram fixadas em uma “árvore simbólica de sentimentos”, construída coletivamente.

No segundo encontro, foram apresentados três estudos de caso fictícios, criados com base nas temáticas mais citadas no primeiro encontro: violência escolar, uso excessivo de telas por alunos e práticas capacitistas no ambiente educacional. A leitura e análise dos casos estimularam o debate entre os docentes, que compartilharam experiências semelhantes, estratégias utilizadas e dificuldades encontradas.

O terceiro encontro foi dedicado à criação de estratégias práticas. Os participantes foram divididos em três grupos, conforme o tema de maior interesse: capacitismo, uso de tecnologias e violência escolar. Cada grupo elaborou propostas de enfrentamento ou prevenção, sistematizadas em um mapa mental e apresentadas ao coletivo. As apresentações encerraram o ciclo formativo, seguidas de uma roda de agradecimentos na qual os participantes avaliaram o processo.

Todas as atividades foram mediadas por um grupo de discentes de graduação da área da saúde, com o objetivo de construir, a partir dessa experiência, um material educativo interdisciplinar que pudesse sistematizar as discussões e estratégias desenvolvidas. Os registros das atividades foram realizados por meio de diários de campo, além de registros fotográficos e audiovisuais dos encontros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES A partir da escuta dos professores, foi possível perceber que certas questões se impõem nas relações escolares: o uso excessivo de telas pelos alunos, a persistência do capacitismo e a presença constante da violência em suas múltiplas formas. Esses temas refletem mudanças sociais, tecnológicas e culturais que atravessam a escola contemporânea e influenciam os processos educativos (LIBÂNEO, 2012). O presente trabalho elegeu estes temas como centrais nas atividades subsequentes do projeto.

Fundamentados teoricamente pelas reflexões de Sueli Carneiro em *Dispositivo de Racialidade* (2023) e Paulo Freire em *Pedagogia do*

Oprimido (2021), os resultados indicam que esses fenômenos não são eventos isolados, mas manifestações de estruturas sociais e institucionais que atravessam a vida escolar.

Um ponto fundamental identificado foi a complexa relação dos estudantes com o uso de tecnologias digitais. Os professores expressaram preocupação com o impacto desse uso no desenvolvimento da atenção. À luz da Psicologia do Desenvolvimento, essa preocupação pode ser compreendida a partir das transformações cognitivas e neurobiológicas que marcam a infância e a adolescência. Papalia e Feldman (2013) destacam que o desenvolvimento cognitivo envolve mudanças nas funções executivas, como atenção seletiva, memória de trabalho e controle inibitório, habilidades relacionadas à capacidade de concentração e autorregulação.

A presença intensa das tecnologias digitais no cotidiano infantil e juvenil tem gerado preocupações entre educadores quanto aos seus efeitos sobre atenção, aprendizagem e sociabilidade. Autores da área da educação apontam que a escola enfrenta o desafio de integrar criticamente as tecnologias ao processo pedagógico, evitando tanto a demonização quanto o uso acrítico desses recursos (MORAN, 2015; LIBÂNEO, 2012). Essa ausência de mediação adequada pode reforçar a percepção das telas como inimigas, em vez de recursos pedagógicos. A partir de uma perspectiva crítica da Psicologia Educacional, atribuir às tecnologias a responsabilidade pelo fracasso escolar pode representar um deslocamento do foco estrutural para o indivíduo. Libâneo (1989) argumenta que explicações centradas apenas no aluno tendem a obscurecer os determinantes sociais, pedagógicos e institucionais do processo de ensino-aprendizagem.

No tocante ao capacitismo, apesar dos avanços legais e das políticas de inclusão, ainda persistem práticas excludentes e preconceituosas dentro do ambiente escolar. Professores relataram a dificuldade em lidar com a diversidade de necessidades dos alunos com deficiência, muitas vezes por falta de formação específica e apoio institucional insuficiente. O capacitismo manifesta-se tanto em atitudes explícitas quanto em pequenas omissões e expectativas baixas que prejudicam a inclusão real desses estudantes. Quanto à inclusão, as reflexões dialogam com a pedagogia histórico-crítica de Saviani (2012), ao enfatizar que a escola deve garantir acesso efetivo ao conhecimento sistematizado, superando práticas meramente integrativas. A inclusão exige condições materiais, formação docente continuada e ruptura com expectativas reduzidas em relação aos estudantes com deficiência. Esse cenário reforça a necessidade de formação continuada e de mudanças estruturais que garantam não apenas a presença física, mas o protagonismo desses alunos.

A violência, tema transversal nas reflexões, aparece de forma multifacetada. Os relatos dos professores evidenciaram que ela está profundamente ligada ao contexto social mais amplo em que os alunos estão inseridos. Muitos estudantes vivem em regiões marcadas pela presença de criminalidade e constante exposição à violência urbana. Em alguns casos, os professores relataram episódios em que alunos ameaçaram colegas ou até mesmo docentes, alegando ter parentes envolvidos com o crime. Essas situações, além de gerar medo e insegurança, colocam os profissionais em posição de vulnerabilidade e fragilizam o ambiente de ensino. Esse cenário dialoga com relatórios recentes da UNESCO (2019), que apontam o crescimento de diferentes formas de violência no ambiente educacional, incluindo bullying, discriminação racial e violência

verbal contra professores. Tal cenário reforça que a escola não está isolada da sociedade, mas é atravessada por conflitos estruturais que demandam respostas intersetoriais.

Um dos aspectos centrais evidenciados foi o reconhecimento da presença do racismo estrutural na dinâmica escolar, que, conforme Carneiro (2023), se manifesta por meio de práticas e discursos sutis que colocam em dúvida a inteligência e o valor das crianças negras. Essa constatação foi corroborada pelos relatos docentes de situações em que alunos negros são invisibilizados ou desmotivados. Nesse sentido, as falas docentes revelaram uma relação fragilizada com o saber escolar por parte de alguns estudantes, aspecto que pode ser analisado à luz de Bernard Charlot (2000), ao discutir que o fracasso escolar não é ausência de inteligência, mas resultado de uma relação socialmente construída com o conhecimento. Essa compreensão desloca o foco da culpabilização individual para a análise das condições sociais de aprendizagem. Portanto, foi imprescindível reconhecer a relação do racismo com os tópicos levantados, evidenciando como esse fenômeno estrutural não se restringe a incidentes explícitos de discriminação, mas também se manifesta nas práticas pedagógicas e nas expectativas em relação ao desempenho desses estudantes.

Ao mesmo tempo, Freire (2021) inspira uma abordagem que valoriza os saberes e experiências dos alunos e professores como elementos fundantes para a construção do conhecimento. Essa perspectiva, inserida a partir do segundo encontro dialógico, foi essencial para que os docentes percebessem sua própria potência na transformação desse cenário. O processo também possibilitou aos docentes refletirem criticamente sobre o próprio papel na manutenção da segregação desses alunos.

Durante os encontros foram expressas declarações consideradas problemáticas, capacitistas e até racistas como “são todos drogados”, “hoje em dia todo mundo é especial”, “a gente fica com medo de bater de frente e morrer”, “eles não querem nada com a vida”. Essas falas levantaram o alerta de que esses profissionais muitas vezes não consideram o contexto social dessas crianças e podem reproduzir preconceitos sem reflexão crítica. Conforme argumenta Pierre Bourdieu (2014), a escola pode atuar como espaço de reprodução das desigualdades por meio da violência simbólica, naturalizando hierarquias sociais e culturais que afetam especialmente estudantes das camadas populares. Nesse sentido, os relatos docentes revelam tensões entre o ideal formativo e as limitações impostas por condições materiais e institucionais adversas. Sendo assim, utilizamos ferramentas críticas de forma horizontal, estimulando reflexões que permitissem aos docentes analisar sua própria prática e reconhecer dimensões estruturais desses problemas.

Outro aspecto notório foi o fortalecimento dos vínculos entre os docentes ao longo dos encontros, em que a construção coletiva das estratégias e o espaço de diálogo contribuíram para o surgimento de um sentimento de pertencimento e de corresponsabilidade. Esta construção coletiva das estratégias e o espaço horizontal de diálogo também dialogam com a perspectiva sócio-histórica discutida por Molon (2002), segundo a qual o desenvolvimento humano ocorre nas relações mediadas socialmente. Nesse sentido, o fortalecimento do sentimento de pertencimento entre os professores não é apenas um efeito organizacional, mas um processo formativo. Ao refletirem conjuntamente sobre o uso

crítico das tecnologias, a inclusão de estudantes com deficiência e o enfrentamento da violência, os docentes produzem novos sentidos sobre sua prática e ampliam sua compreensão do papel social da escola.

Isso revela que, embora os desafios sejam estruturais, a mobilização e o engajamento coletivo podem ser potentes instrumentos de transformação social dentro do espaço escolar. Ao longo dos encontros, foi discutido que não se trata de proibir o uso de telas, mas de orientar a usá-las com criticidade. Que não basta aceitar a presença de estudantes com deficiência, é preciso questionar as barreiras atitudinais e estruturais que os excluem. E que a violência não se enfrenta apenas com regras, mas com vínculos, escuta ativa e envolvimento da comunidade. O resultado foi uma experiência que fortaleceu o olhar crítico dos professores, bem como ampliou o olhar dos mediadores quanto aos desafios inerentes à prática docente.

Durante o processo, emergiram limitações institucionais, como a dificuldade inicial de acesso à gestão da escola e a conciliação dos encontros com a rotina docente, marcada por sobrecarga de trabalho. Apesar dos obstáculos, o engajamento demonstrado pelos professores foi significativo. Muitos relataram que as reflexões e estratégias discutidas já estavam sendo incorporadas à prática pedagógica, evidenciando que a intervenção atuou como catalisador para mudanças no cotidiano escolar e para o fortalecimento da autonomia crítica dos educadores.

Como um dos frutos mais concretos da proposta, foi produzido coletivamente no último encontro dialógico o livreto “Pequeno guia de grandes desafios” (Figura 1), material educativo que reúne alternativas construídas pelos próprios professores para lidar com as três temáticas centrais identificadas na intervenção: capacitismo, violência e uso excessivo de telas. A elaboração conjunta do guia fortaleceu o sentimento de pertencimento dos participantes e resultou em um instrumento de apoio ao enfrentamento desses desafios no cotidiano escolar.



FIGURA 1 – CAPA DO LIVRETO “PEQUENO GUIA DE GRANDES DESAFIOS”/ FONTE: AUTORIA PRÓPRIA (2025).

Os resultados indicam que os desafios vivenciados na escola refletem problemas sociais mais amplos, como racismo estrutural, desigualdades socioeconômicas e preconceitos historicamente reproduzidos. Tais questões exigem ações que transcendam os limites da escola, articulando políticas públicas intersetoriais, formação docente continuada, apoio psicossocial e o fortalecimento de espaços institucionais de escuta e acolhimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A intervenção desenvolvida com docentes do Ensino Fundamental possibilitou a criação de um espaço de escuta, reflexão e construção coletiva. Por meio do diálogo, foi possível identificar desafios do cotidiano escolar e reconhecer caminhos para enfrentá-los de forma crítica e colaborativa. A troca de experiências revelou-se um dos aspectos mais significativos do processo, permitindo que os professores compartilhassem vivências, reconhecessem práticas já em curso e refletissem sobre suas próprias atitudes e formas de atuação na escola.

Essa autorreflexão foi fundamental para que muitos docentes percebessem como, mesmo de forma não intencional, podem reproduzir discursos e práticas que contribuem para a exclusão de determinados grupos de alunos, especialmente aqueles marcados por questões de raça, deficiência ou vulnerabilidade social. O reconhecimento de si como sujeito ativo dentro de uma estrutura que também pode reproduzir desigualdades mostrou-se um passo importante para o reposicionamento ético e pedagógico desses profissionais. À luz das contribuições de Bourdieu (2014), Saviani (2012) e Charlot (2000), compreende-se que os desafios vivenciados na escola não são eventos isolados, mas manifestações de processos históricos e estruturais que atravessam a sociedade brasileira. Nesse sentido, o racismo estrutural discutido por Carneiro (2023), a reprodução simbólica das desigualdades analisada por Bourdieu e Passeron (2014) e a defesa de uma pedagogia crítica presente nas obras de Freire (2021) e Saviani (2012) indicam que a transformação da escola exige mudanças institucionais e processos contínuos de formação e autorreflexão docente.

Reconhecemos que o caráter piloto da iniciativa – com três encontros e um grupo restrito de docentes – impõe limites à abrangência dos resultados, apontando para a necessidade de expansão e avaliação continuada. Ainda assim, a experiência evidencia o potencial de espaços formativos baseados no diálogo, na partilha de experiências e na problematização crítica das práticas escolares, reafirmando a educação como prática libertadora e instrumento de transformação social.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** (edição especial). São Paulo: Paz & Terra, 2021.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. Psicologia educacional: uma avaliação crítica. In: LANE, Sílvia. **Psicologia social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 154-180.
- MOLON, Susana. Entrelaçando a psicologia e a educação: uma reflexão sobre a formação continuada de educadores à luz da psicologia sócio-histórica. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 124-143, 2002.
- MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2015.
- PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 44. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.
- UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório global. Paris: UNESCO, 2019.